

## MC01. Experimentações etnográficas: inovações, possibilidades e estilos de criatividade

Matheus França, Carolina Parreiras, Juliana Farias, Daniela Moreno Feriani

Este minicurso tem como objetivo trazer como ponto principal de debate o estímulo a formas inventivas de apropriações, usos e experimentações etnográficas. Trata-se aqui de pensar a etnografia como um campo aberto de possibilidades tanto em termos de escrita e formas de narração, como também de ação “em campo”. Seja em formas colaborativas de construção de etnografias ou em trabalhos conduzidos em ambientes digitais – entre outras inúmeras e possíveis formas de encontro etnográfico –, a proposta central será a de provocar a adoção de diferentes abordagens metodológicas, com base em distintos estilos de criatividade que podem eventualmente contribuir para fomentar estratégias discursivas, narrativas e de condução do trabalho etnográfico. A proposta central gira em torno da realização de três sessões, por meio das quais esperamos explorar os seguintes eixos: a) introdução teórico-metodológica sobre a noção de experimentações etnográficas, com ênfase na apresentação de experiências contemporâneas; b) formas de construção colaborativa de narrativas etnográficas; c) tensionamentos do fazer etnográfico e outras possibilidades de construção etnográfica em diferentes linguagens.

### **Imagem, escrita, delírio e outras experimentações numa etnografia com processos demenciais**

**Autoria:** Daniela Moreno Feriani

Como ver e mostrar os materiais de campo? A proposta é investigar algumas possibilidades de fazer pesquisa através de diferentes grafias, entendidas, aqui, como modos de inscrição e expressão, em uma relação indissociável entre forma e conteúdo, narrativa e experiência, campo e teoria. O objetivo é explicitar, discutir e valorizar os processos criativos como valores heurísticos para o fazer antropológico, aproximando-o de outras áreas de conhecimento, como artes, literatura, arqueologia, design e afins. Fazer da pesquisa um ?artesanato intelectual?, um ateliê, possibilita testar caminhos, tatear por significados, compor possibilidades que abrem para outros modos de ver e narrar/descrever/escrever, em uma proposta conceitual e metodológica de tomar a experimentação e a imaginação como processos de conhecimento. Como, de fato, ?experimentar o pensamento do outro?, como propõe Eduardo Viveiros de Castro? A partir da minha etnografia com pessoas em processo demencial, vou mostrar algumas estratégias e escolhas narrativas que enfrentei ao longo da pesquisa numa tentativa de atravessar o espelho e encontrar o "mundo às avessas" da demência, com outras coordenadas e referências. Assim, ao movimentar imagens e palavras a partir de cenas, conversas, fotografias, vídeos, objetos, metáforas, gestos, afetos, delírios presenciados em campo, procurei "atravessar o véu mantendo sua qualidade alucinatória" (Taussig, 1991) e me aproximar do que venho chamando de grafia-demente. Como resultados dessa busca, publiquei um site com os materiais da pesquisa ([soproseassombros.com.br](http://soproseassombros.com.br)) e venho desenvolvendo uma graphic novel com o tema. Se é de outra realidade que estamos falando, como trazê-la para o meu mundo, como fazê-la sacudir minha própria realidade e linguagem para me abrir a outros modos de ver, fazer, descrever? Como conceber um mundo em que o chinelo é o controle remoto, a embalagem brilhante de biscoito é uma borboleta, a camisa se veste como calça? Como conferir estatuto de realidade à cena do macaco da televisão que vai invadir a sala, ao trator que anda que nem casa, aos alimentos da geladeira que vão atacar? Como mostrar esses incidentes etnográficos, tomar os vislumbres e assombros do campo como potências analíticas e inventivas? Como descrever o invisível, o delírio? Como "levar a língua a delirar" (Deleuze, 1992)? O que pode a palavra quando ela se desloca de um referente? Quando não é para ser decifrada, o que a linguagem se torna? A aposta,

enfim, é de que a demência possa ser um estímulo para produzir narrativa e inventividade, e mostrar como, a partir desse outro modo de ver das pessoas com demência, eu também precisei reinventar o meu próprio modo de ver, escrever, narrar, mostrar.

### 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

#### Realização:



#### Apoio:



#### Organização:

